

COMPREENDER É UM EXISTENCIAL

Desde que soube que colegas de minha linha de pesquisa – Jornalismo e Sociedade – do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília – pretendiam propor meu nome à direção da Faculdade de Comunicação e em seguida ao CONSUNI - Conselho Superior desta Universidade, para o título de Professor Emérito da UnB, depois de não muito acreditar ou de reter aquele início de felicidade, fiquei pensando o que poderia significar para mim esta homenagem? Lembrei-me então dos ensinamentos de meu mestre maior em filosofia hermenêutica, Hans-Georg Gadamer, em entrevista ao jornal Le Monde, em 19 de abril de 1981:

Cito: ‘ Um título não preenche o seu papel se ele desvenda tudo àquilo que o livro quer dizer. (Ele falava em relação ao título de sua obra maior – Verdade e Método). O título deve, ao contrário, mobilizar campos de reflexão que sensibilizem o público. Minha fórmula é efetivamente bastante ambígua, tanto que os primeiros críticos acreditaram ver no livro tanto a proposta do último método para atingir a verdade quanto uma condenação radical do método. Mas, mal-entendidos são de fato produtivos’. (fim da citação)

Deixando de lado minha comparação pretensiosa, diria que este título de Professor Emérito da Universidade de Brasília mobiliza meus campos de reflexão, em muito me sensibiliza, mas leva-me necessariamente à questão do merecimento. No caso, a ambiguidade é minha, mereço realmente este título, ou é principalmente fruto da generosidade de meus colegas, endossada pelo Conselho Superior desta universidade? Faço aqui público o meu mais efusivo agradecimento às pessoas que assinaram esta solicitação, proporcionando-me momentos de grande alegria. Certamente que guardo as melhores memórias de nossa convivência pessoal e institucional, e sinto como é bom reviver e saborear tais satisfações.

Continuando a procurar resposta à minha pergunta inicial, recorro novamente a Gadamer, quando ele responde na mesma entrevista: ‘ o que é a compreensão?

Cito: ‘ Desenvolvo na minha hermenêutica a dimensão nova que Heidegger deu a esta noção: compreender não é um modo particular de relação com o mundo, mas um “ existencial”, o modo de ser mesmo do ser aí’(...) não se trata para mim, continua Gadamer, de dizer *como se deve compreender, mas aquilo que se produz realmente quando se compreende*. É, de fato, a tradição da filosofia prática que remonta a Aristóteles e que finalmente sucumbiu sob a pressão do ideal científico moderno. A volta da política nas ciências políticas me parece a este propósito exemplar, e penso que o papel do filósofo na cidade de hoje deve ser antes de tudo desafiar a importância crescente do expert’. (fim da citação)

Por que emérito, volto a dizer? Continuando a não acreditar muito no final feliz desta iniciativa, para somente depois deleitar-me com seu anúncio, diria que desde o primeiro dia em que assinei contrato de professor-assistente no então Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, em 20 de julho de 1973, portanto há 43 anos,

tive uma ideia, intuí que poderia ter uma missão nesta casa, a de dar ênfase à linguagem e às suas dimensões simbólicas e interpretativas, nas aulas e nas pesquisas que aqui pudesse produzir. Busquei sempre e ardentemente cumprir esta missão.

Chegando a Brasília para a UnB, fazendo parte do grupo de professores conhecidos como ‘ os mineiros ‘, entre estes: Marco Antonio Rodrigues Dias, José Salomão David Amorim, Venício Arthur de Lima e Luiz Gonzaga Figueiredo Motta, egresso da Ação Católica, e também tendo pertencido a um centro de cinema de renome em Belo Horizonte – o Centro de Estudos Cinematográficos de Minas Gerais, além de ser representante em Minas da revista Realidade, poderia correr o risco com essa travessia de não reter ideias e imagens estéticas e críticas resultantes do que fazia até então. No entanto, essas vivências nas linguagens jornalística, religiosa e política encontraram eco e renovação aqui na Universidade de Brasília ao serem revigoradas na sala de aula, na pesquisa e na extensão.

Citando Nietzsche: ‘ É só pelo esquecimento que o espírito pode renovar-se totalmente e ser capaz de ver tudo com olhos novos, de modo que o que é velho e familiar se funde com o recém-visto em uma unidade de várias estratificações. Reter é, pois ambíguo. Enquanto memória ela contém a relação com a lembrança. ’ (fim da citação)

Esta ponte entre Minas e Brasília, mais propriamente aqui na UnB, foi capaz de valorizar lembranças e resgatar alguns esquecimentos. Lembro-me do professor Vladimir Carvalho, emérito desta casa, que dizia que a Paraíba lhe parecia mais viva na medida em que mais se entregava ao encontro de Brasília.

No aeroporto das Mangabeiras, na cidade de Vitória, no Espírito Santo, está escrita a frase: ‘ viver é ver Vitória ‘. Eu digo que a partir de 1977, viver para mim passou a ser ‘ viver é ver Brasília ‘. E nas viagens que fiz ao Canadá e à França, onde conclui minha formação pós-graduada, quando me perguntava a mim mesmo os meus locais de viver, numa rica e ubíqua experiência, eu me dizia ‘ viver é estar ao mesmo tempo em Belo Horizonte, Brasília, Montreal e Paris ‘.

Estando assim em Brasília a partir de julho de 1973, e percorrendo as trilhas dos corredores, dos anfiteatros e dos laboratórios de pesquisa desta academia, reacendeu-se em mim a chama da arte de ver, escrever e interpretar, tal e qual faz o jornalista cultural. Estar no Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília – depois veio a Faculdade, era como fazer coincidir um tempo entre as salas de aula e as atividades culturais da cidade.

Em uma antecipação há esse tempo, em 1972, antes, portanto da UnB, integrei a primeira turma de jovens jornalistas da revista Veja, fazendo parte do curso Abril de jornalismo em São Paulo. Ocupei também a gerência da sucursal da Editora Abril em Minas Gerais. Anteriormente, em 1968, meu nome fez parte do expediente da revista Realidade em Minas Gerais. Mantive próximas e cordiais relações com o jornalista Roberto Civita, então diretor-editorial da Editora Abril. Juntamente com ele, naqueles anos de chumbo, defendemos com sucesso a liberação de um número censurado da

revista Veja dedicado à mulher brasileira. À época o governo federal estava itinerante em Minas Gerais, e justificamos junto ao então ministro da justiça, prof. Hélio Scarabotolo, que uma reportagem de capa sobre o trabalho de parto não justificava a proibição daquele número da revista. Na minha administração como gerente da sucursal da Editora Abril em Minas Gerais consegui também junto ao então governador Israel Pinheiro que fosse atribuído o título de cidadão honorário de Minas Gerais ao jornalista Victor Civita, presidente e fundador da Editora Abril.

Posteriormente, já morando em Brasília e sendo professor da UnB, fui colunista de TV do jornal Correio Braziliense, e um dos grandes prazeres à época era ir pessoalmente à redação do jornal levar a minha crônica. Naquele momento, década de 70 do século passado, os usos da internet ainda eram escassos. Tudo isso para dizer e reafirmar que em minha vida um tempo essencial tem sido viver e transpirar a arte, a interpretação de textos e o jornalismo cultural. E aí a vivência na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, sendo professor e formador de todos jornalistas que então passaram por aqui, representou uma forma de realização profissional muito forte. E buscar a excelência na profissão é uma das formas que tem o ser para sair de si, encontrar o outro e buscar o universal.

Lembro-me dos tempos nos quais me dediquei a minha formação pós-graduada, vividos em Montreal, Quebec, Canadá e também em Paris, na França. Foram tempos de convivência com outras culturas e outras línguas, o que me fez sair da minha forma de conforto e ver, de perto, como em outras culturas outros pastores pastoreiam suas ovelhas. Raymond Williams, um dos autores que conheci na McGill University, onde fiz meu doutorado, nos brinda com estas imagens de cultura e pastoreio em seu livro fundamental ‘ The long revolution’, sendo ele um dos patronos daquilo que hoje chamamos de Estudos Culturais.

Em Paris, nos anos de 1995 e 1996, tive o feliz encontro com o professor Maurice Mouillaud, que se tornou meu interlocutor de pós-doutorado no CNRS – Centre National de Recherches Scientifiques. Surgiu daí excelente parceria, e pudemos juntos lançar o livro – O Jornal – da forma ao sentido, pela Editora UnB. Este livro, já em terceira edição em 2012, traz o selo UnB 50 anos, e tornou-se um marco nos estudos de jornalismo no Brasil.

Com tudo isso, e estando hoje com 75 anos, o transcorrer de minha vida parece bem esotérico, tem muito de sobrenatural, como diz a música de Gilberto Gil : ‘ se eu sou algo incompreensível meu Deus é mais, mistério sempre há de pintar por aí’. Na minha família muito querida – meus quatro filhos aqui presentes – Sergio, André, Luiz Guilherme e Daniela referem-se muitas vezes às coisas do pai..., significando para eles que meus pensamentos são diferenciados e até esquisitos, por exemplo: as minhas etimologias, dando mostras de que misturo propositalmente o religioso e o profano, a realidade e a imaginação, o grego e o latim, a interpretação pouco ortodoxa daquelas coisas que são tidas como havidas e acontecidas. Com minha mulher Maria Stela, aqui a meu lado, professora titular do Departamento de Sociologia da UnB, com a qual

convivo há 52 anos acredito formar um par onde os entendimentos superam as dimensões de uma simples vida cotidiana, nutrimos o feliz hábito da troca de conhecimentos afetivos, intelectuais e simbólicos. Tenho muito orgulho em dizer que a conheci quando ainda era noviço no convento dos Dominicanos em Belo Horizonte. Os seus encantos logo me atraíram, certamente que sob as bênçãos de Deus. Meus 4 netos, Matheus, Lucas, Bruno e Amanda, também aqui presentes, conhecem amorosamente o meu lado avô de ser.

Herdei de meu pai o sangue de homem religioso e conciliador. Pela memória que deixou em minha mãe Neyde e em meus dois irmãos mais velhos Anamaria e José Carlos, também aqui hoje, era um homem que sempre procurou o bem de quem estivesse dele mais próximo. Procurar ser bom como ele o foi, posso considerar uma razão para tê-lo sempre perto de mim. Da minha mãe Neyde Dayrell, herdei a vocação de professor, muito embora ela desejasse que eu fosse frade dominicano. O bem da verdade há uma estreita distância entre ser frade pregador e professor de comunicação.

Concluo que não saberia responder com precisão o porquê desta distinção emérita. Seria talvez pelo longo tempo de dedicação ao programa de pós-graduação em comunicação da Universidade de Brasília, quando pude exercer por três vezes o cargo de coordenador. Aliás, na última delas já me encontrava aposentado, e precisei assinar um documento abrindo mão da gratificação devida à função. Nesse tempo de dedicação à pós-graduação, presidi as áreas de artes e comunicação na CAPES, fui pesquisador 1 A do CNPq, fui um dos fundadores da COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, e hoje sou sócio da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e membro do Conselho Científico do CISECO – Centro Internacional de Semiótica e Comunicação. Em 1991 fiz a minha primeira experiência literária com o romance *A Volta do Capitão Florzinha*, menção honrosa da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná. E exercendo a mineiridade, minha dissertação de mestrado e tese de doutorado tentaram compreender e interpretar Minas Gerais, tendo como objeto a opulência da Fiat em Betim e o sentido trágico do sertão recriado por Guimarães Rosa.

Gosto de pensar que também poderia obter esta resposta prevendo algumas coisas que poderão acontecer daqui para frente na minha vida pessoal e na continuidade de minha carreira acadêmica na Universidade de Brasília. Melhor ainda seria ter ciência de quais pro-je-tos de conhecimento guardo comigo para que eu os possa desenvolver daqui para frente. Gadamer, mais uma vez, nos diz: ‘ compreender a coisa que surge ali, diante de mim, não é outra coisa senão elaborar um primeiro projeto que se vai corrigindo, progressivamente, à medida que progride a decifração. ’ E neste momento posso aqui adiantar um dos projetos que mais me encanta: reler os clássicos da filosofia hermenêutica, os clássicos da literatura, como *A Ilíada*, *A Odisseia* e sentir nas andanças voláteis de Hermes e nas viagens e aventuras marítima de Ulisses a narrativa dos deuses e de Homero, berço dos processos interpretativos universais. Respondendo a pergunta inicial, seria bom que me sentisse envolvido em um novo círculo hermenêutico em que as coisas presentes, passadas e futuras pudessem exercer em mim uma realimentação

desses projetos ainda válidos, capazes de preencher o mistério dos meus dias que ainda não de vir.

Encerro esta minha oração, evocando, neste momento, o que disse o ex-jagunço Riobaldo Tatarana ao seu compadre meu Quelemém, personagens centrais do romance Grande Sertão & Veredas de João Guimarães Rosa.

“Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou-me contar minha história inteira”. Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência – calma de que minha dor passasse; e que podia esperar muito longo tempo. O que vendo, tive vergonha, assaz.

Mas, por fim, eu tomei coragem, e tudo perguntei:

- O senhor acha que a minha alma eu vendi pactário!

Então ele sorriu o pronto sincero, e me vale-me respondeu:

-Tem cisma não. Pensa para diante. Comprar ou vender, às vezes, são as ações que são as quase iguais”.

E me cerro, aqui, mire e veja. Isto não é o de um relatar passagem de sua vida, em toda admiração. Conto o que fui e vi. Conteí tudo. Auroras.

Cerro. O senhor vê. Conteí tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim. Cumpro. O Rio de São Francisco – que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme... Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o diabo não existe Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto Amigos somos. Nonada O diabo não há. É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia”

Muito obrigado a todos.

Brasília, 30 de setembro de 2016.